

COREOGRAFIAS DE ENTRADA E SEUS CRUZAMENTOS

Lisiane Santos¹, Silvane Fensterseifer Isse²

Resumo: Este artigo aborda as coreografias conhecidas como Danças de Entrada, apontando aspectos que nos ajudam a compreender sua presença em eventos tradicionalistas gaúchos. Tecem-se considerações sobre o que são, como surgiram e de que forma foram incluídas nesse contexto. Para o estudo, realizou-se pesquisa bibliográfica em artigos, livros e documentos. Foram realizadas, também, entrevistas e análise de vídeos dos três primeiros lugares na categoria Melhor Entrada do Enart nos anos 2008 a 2012, totalizando 15 vídeos. Foram analisadas a temática, a variedade de técnicas corporais e a utilização de elementos cenográficos. O estudo mostrou que as Danças de Entrada têm hoje seu espaço constituído no contexto do tradicionalismo gaúcho, tendo, hoje, visibilidade e trazendo à tona fatores históricos, levando ao palco épocas, classes sociais, lendas ou figuras da história gaúcha.

Palavras-chave: Danças de entrada. Tradicionalismo. Cultura gaúcha.

1 INTRODUÇÃO

A terra, o céu, o vento e a solidão, o cavalo ou o boi selvagem – tudo isso é de ninguém.

(LESSA, 2009, p. 29)

Este artigo se propõe a estudar coreografias conhecidas como Danças de Entrada, apresentadas no Encontro de Artes e Tradições Gaúchas – Enart, em rodeios artísticos, em rodeios crioulos e em Centros de Tradições Gaúchas – CTGs. O interesse pelo tema da pesquisa – a relação das Danças de Entrada com a Dança Contemporânea – surgiu no decorrer do curso de pós-graduação, em nível de especialização, em Pedagogia da Arte, oferecido pelo Centro Universitário UNIVATES.

Já graduada, passei a integrar um grupo de danças do Centro de Tradições Gaúchas Tropolha Farrapa, de Lajeado – Rio Grande do Sul (RS). De início, entrei em choque com a forma de ver a dança. Em muitas aulas senti o incômodo de ter de realizar movimentos extremamente formatados. Com o conhecimento de expressividade e o fato de trazer na memória corporal outras técnicas de dança, a repetição de movimentos para que todos ficassem iguais em apresentações, e, ao mesmo tempo, roupas, penteados, maquiagens iguais, era algo muito forte que me descaracterizava, fazendo-me sentir fora do espaço de vivenciar o meu corpo.

Partindo do meu conhecimento e de minhas vivências, questioneei alguns fatores que envolvem as coreografias de Entrada, como a falta de embasamento teórico sobre o histórico dessas danças. No entanto, a necessidade de ter uma coreografia de Entrada no grupo de danças gaúchas do qual participo despertou em mim o interesse por olhá-la atentamente.

1 Licenciada em Dança pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Especialista em Pedagogia da Arte pelo Centro Universitário UNIVATES. Docente da Rede Municipal de Educação de Lajeado.

2 Doutoranda em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Docente dos cursos de Educação Física e Pedagogia da Univates.

Participando de rodeios tive a oportunidade de assistir a coreografias de Entrada que se diferenciam das Danças Tradicionais. Essas coreografias apresentadas por Invernadas Artísticas que representavam seus CTGs, se aproximavam um pouco do que sentia falta nas Danças Tradicionais. Usavam diferentes elementos cenográficos, diversas técnicas corporais, viabilizando a criação com variedade de movimentos. O ápice disso foi o Enart de 2012. Nele apreciei apresentações de coreografias espetaculares. Cada coreografia de Entrada tinha uma inspiração histórico-poética, até porque toda Dança de Entrada deve ser fundamentada em pesquisa histórica. As coreografias mais elaboradas conjugavam, além da dramatização cênica, troca de figurinos, troca e reposição de elementos cenográficos no palco durante a dança.

Então me questionei: como algo tão criativo, as Danças de Entrada, em que os grupos, além de superar o concorrente, buscam a própria superação, encontram-se no espaço de Danças Tradicionais?

A partir daí, questionei-me: o que é uma Dança de Entrada? Seria um novo estilo de dança? Como surgiram as Danças de Entrada? Mas a questão principal é pensar de que modo as Danças de Entrada foram incluídas, firmando-se e conquistando espaço, no Enart.

Com o objetivo de compreender o que são e como surgiram as Danças de Entrada e a sua inclusão no contexto tradicionalista, este estudo tece algumas considerações sobre as suas bases de formação histórica e social. Elas ajudam a entender aspectos da relação das Danças Tradicionais com as Danças de Entrada e apontam características das coreografias de Entrada.

Para este estudo realizou-se pesquisa bibliográfica em artigos, livros e documentos. Também foram realizadas entrevistas com Terson Praxedes da Costa, pesquisador do setor de pesquisa do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, e com Rodrigo Righes Sartori, diretor do Departamento Artístico e do Subdepartamento de Danças Tradicionais do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Foram analisados, ainda, vídeos dos três primeiros lugares na categoria Melhor Entrada do Enart nos anos de 2008 a 2012, totalizando 15 vídeos. Neles foram analisadas a temática, a variedade de técnicas corporais e a utilização de elementos cenográficos.

2 DANÇAS TRADICIONAIS

A dança faz parte da cultura de muitos povos, sendo uma demonstração de valores, crenças e festividades que passam de geração a geração. Especificamente no Rio Grande do Sul, há os CTGs. Eles têm como proposta manter e divulgar as tradições do povo sul-rio-grandense que abrangem a dança.

Pode-se dividir a dança sul-rio-grandense em Danças de Salão e Danças Tradicionais. As Danças de Salão são executadas em bailes por pares independentes, na sua grande maioria, seguindo os ritmos característicos dessa cultura. As Danças de Salão correspondem aos gêneros musicais atuais, reconhecidas como típicas do gaúcho, sem limitar ou proibir movimentos, sendo dançadas e apreciadas em eventos tradicionalistas ou não. Já as Danças Tradicionais são executadas especialmente pelos grupos de dança das entidades tradicionalistas. Elas foram descritas e seguem regramentos e determinações, perdendo sua espontaneidade da prática do povo (SAVARIS, 2012).

Cortes e Lessa (1975) foram importantes pesquisadores tradicionalistas que realizaram pesquisa folclórica buscando criar um acervo, quando, de 1950 a 1952, investigaram e resgataram costumes do povo gaúcho, a forma de dançar e as músicas executadas em diversas partes do estado. Coletaram as Danças Tradicionais, que atualmente são 25. Eles realizaram um trabalho de resgate histórico dos costumes campeiros, pesquisando a campo com gravadores, registrando as entrevistas conforme as descrições das danças e das músicas. Essa pesquisa possibilitou a estruturação das Danças Tradicionais, pois esses pesquisadores articularam depoimentos, demonstrações,

restauraram e resgataram a dança gaúcha. O estudo está descrito no “Manual de Danças Gaúchas”, de 1975.

O texto de Côrtes e Lessa ensina que entre os dançarinos existe uma postura de respeito, devendo-se observar o distanciamento dos corpos. Também não existem movimentos de quadril. Essa questão de postura e forma de tratamento refere-se também às técnicas corporais e sua relação com a cultura regional. Nas palavras de Côrtes (1994, p. 24):

Em nossos dias (*)³ no império do Chote, da Rancheira e da Polca podemos perceber o respeito com que os homens enlaçam suas companheiras, raramente juntando abusivamente os corpos. A não ser, evidentemente, que se trate de bochincho, baile bragado, baile-de-meio-pelo – em suma da ralé.

Falar em povos e na produção técnica de seus corpos remete às técnicas corporais. Foca-se então a postura apresentada nas Danças Tradicionais. Tem-se como suporte o “Manual de Danças Tradicionais Gaúchas”, publicado pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho, em 2010, que divide as Danças Tradicionais em ciclos coreográficos: Minueto, Fandangos, Contradança e Pares Enlaçados, que possuem características específicas.

Algumas danças podem apresentar características de dois ciclos em momentos diferenciados. Aos ciclos é associada a ideia de polos de irradiação: “Centros de influência mundial que ditaram moda. Neste caso as danças passam por um processo de aceitação sendo praticadas de maneira duradora até serem assimiladas por diversas camadas sociais” (CAMILLO; PEREIRA, 2013, p. 45). Há um período em que as danças novas se encontram com o que já existia, formando uma mistura. Os ciclos contemplam um conjunto de danças que apresentam características de determinado período, as quais, muitas vezes, já tinham desaparecido em seu foco de origem, quando chegaram a se desenvolver em outro local (CAMILLO; PEREIRA, 2013).

O Ciclo Minueto tem em suas características os gestos comedidos e a cerimônia aparente no relacionamento entre homens e mulheres, originado na França. O Ciclo do Fandango é originário da Espanha, sendo herdado por árabes, conforme o livro “Danças Tradicionais Gaúchas”, de 2010. “O jeito galanteador do homem remete a influências açorianas das cantigas, é apresentado por sapateios estridentes dos vicentistas⁴, contemplando agilidade e exibicionismo”. São danças com características de galanteio, sedução e prendas com movimentos graciosos.

O Ciclo da Contradança originou-se da dança popular inglesa *Country Dance* (dança campestre), também com movimentos graciosos, sendo possível apresentar uma variedade de figuras, circulares, alternando homens e mulheres, ou em fileiras. Finalizando o Ciclo das Danças de Pares Enlaçados, podemos referir a valsa como primeira dança de pares enlaçados. Tem como suas características apresentar vivacidade, ser alegre e envolvente.

Destaca-se que a teatralidade e o respeito à mulher são apontados como duas das principais características da alma do gaúcho. Até mesmo para convidar a prenda (dama) para dançar existe uma maneira tradicional. O homem, ao chegar à sua frente, inclina levemente a cabeça, curva levemente o tronco e alcança-lhe a mão direita. A prenda o aceita alcançando a mão esquerda.

O sarandeio compreende o deslocamento pelo espaço com movimentação de vestidos durante a dança. É elemento coreográfico exclusivo feminino, executado geralmente em meia planta para ser mais gracioso e delicado. A prenda, enquanto movimenta a saia, deve manter as características da dança.

3 (*) Ano de 1966.

4 Homens desbravadores naturais da capitania de São Vicente.

Há diferenciação entre a postura feminina (prenda) e a masculina (peão). A mulher deve apresentar em seus movimentos delicadeza e recato. O homem traz na dança o sapateio como movimentação exclusiva masculina. Outra característica é a teatralidade. Ela, segundo Côrtes (1994), destaca a altivez do homem gaúcho, que, entre tantas façanhas de lutas, domas de cavalos, em sua expressão, parece ser monarca.

A postura e o gestual, conforme Mauss (2003), podem ser aprendidos pela imitação. A educação corporal é outro sistema de aprendizagem ao qual somos submetidos, ao longo da vida, determinando como o corpo deve agir. As dificuldades e facilidades para imitá-lo ou aprendê-lo variam de pessoa para pessoa.

Todo esse processo de aprendizagem/imitação destacado por Mauss (2003) remete à ideia de que não existe maneira natural de ser e agir; são técnicas criadas, técnicas corporais. O autor explica:

Chamo de técnica um ato tradicional eficaz (e vejam que nisso não difere do ato mágico, religioso, simbólico). Ele precisa ser tradicional e eficaz. Não há técnica e não há transmissão se não houver tradição. Eis que o homem se distingue antes de tudo dos animais pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral (MAUSS, 2003, p. 406).

O conceito de técnica é relevante, pois, por meio dela, percebe-se a estreita relação entre o corpo e a sociedade. A postura do corpo é construída a partir de valores, normas e hábitos culturais, e a dança faz parte desse contexto.

2.1 Cultura

Ao falar de dança, trabalhar o conceito de cultura é essencial. A questão da técnica corporal se relaciona diretamente a esse fator. Assim, é importante tecer algumas considerações que apresentem informações sobre o que é cultura, a fim de entender aspectos dela presentes nas Danças Tradicionais e em Danças de Entrada.

Para abordar cultura é preciso evidenciar que seu significado, segundo Geertz (1989), é público. Nela os seres humanos produzem significados e atuam sobre eles. Esse atuar é a própria prática social desenvolvida a partir das experiências vividas. Essas vivências possibilitam saber ou acreditar em conhecimentos como leis, moral, costumes, crenças ou hábitos adquiridos, por sermos parte de um contexto social. Para visualizar o conceito de cultura, traz-se a imagem do rizoma: raízes que nascem em variadas direções e se cruzam, ficando um tanto emaranhadas. Essas raízes são os significados ou o que simbolizam as diferentes ações humanas. A inter-relação dos significados nesse meio, com o passar do tempo, faz com que a proposta se perca ou se firme. Quando firmada, solidifica-se, tornando-se a cultura aceita por um núcleo social. Esse contexto social está diretamente relacionado com nosso modo de viver.

3 A TRADIÇÃO E O COMEÇO DO TRADICIONALISMO

Savaris (2012) aponta o Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, fundado em 1889 por João Cezimbra Jaques, como uma das primeiras sociedades voltadas às tradições sul-rio-grandenses, com princípios focados na tradição: atuação cultural com festas, desfiles de cavalarianos à gaúcha, conferências, palestras e produção de obras literárias, a fim de instigar o amor às tradições regionais.

Importante trazer o conceito de tradição. Segundo o Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG (2012), a palavra vem do latim, do verbo “tradere” (*traditio, traditionis*), que significa trazer, entregar, transmitir, ensinar. Logo, tradição é a transmissão de fatos culturais de um povo, quer de natureza espiritual ou material, ou, ainda, é a transmissão dos costumes feita de pais para filhos no

decorrer dos tempos, ao sucederem-se as gerações. É a memória cultural de um povo, um conjunto de ideias, usos, memórias, recordações e símbolos conservados pelos tempos, pelas gerações.

Relacionado com esse conceito, o manual Curso de Formação Tradicionalista (2012) apresenta o conceito de tradicionalismo como sendo “[...] um movimento organizado com uma estrutura hierárquica sustentada por um discurso ideológico de amor à terra” (MTG, 2012, p. 32). Agregador da família e do grupo social, estudando o folclore e a tradição, dedica-se a preservar, resgatar e desenvolver a cultura gaúcha, vivenciar e preservar o patrimônio sociocultural do povo gaúcho. É a sociedade que defende, preserva, cultua e divulga a tradição gaúcha, que congrega defensores dos costumes, dos hábitos, da cultura, dos valores do gaúcho. Entre os valores de atuação encontram-se os de natureza artística, nos quais estão inseridas as danças.

A Primeira Ronda Gaúcha deu origem à estruturação dos movimentos hoje chamados de Tradicionalistas e, com a expansão do Tradicionalismo, realizou-se o 1º Congresso Tradicionalista Gaúcho, em 1954, em Santa Maria. Nele foram definidos a ideologia e padrões para que o movimento fosse homogêneo e tivesse força social cada vez maior. Para tanto, foram elaboradas diretrizes com poder de norma legal para o Tradicionalismo. Ao mesmo tempo, esse regramento pode ser um indicativo de padronização, determinando uma formatação específica de vestir e de se comportar. Por ele passam todas e quaisquer alterações que possam ser feitas em relação à formatação das Danças Tradicionais. Como se fosse a defesa de uma banca, o grupo avalia se a sugestão de mudança é viável. Se aprovada, entra no regulamento, de modo a ser observada por todos os tradicionalistas.

4 “O ENCONTRO”

Na década de 1970, o Movimento Brasileiro de Alfabetização, o Mobral, tinha o objetivo de combater os altos índices de analfabetismo no Brasil. No Rio Grande dos Sul, esse movimento teve no trabalho de elevação de autoestima da população um aliado, oportunizando, a partir dessa época, e ao longo do tempo, o surgimento de novos valores artísticos e a divulgação da cultura sul-rio-grandense.

Praxedes da Silva Machado, professor e advogado, na época responsável cultural pelo Mobral, buscou a parceria do Movimento Tradicionalista Gaúcho. De acordo com o Encarte Especial (2011) produzido para o 26º Encontro de Artes e Tradições Gaúchas, o Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore apoiou a iniciativa criando o Festival Estadual do Mobral. No início, o evento era itinerante, sendo realizado a cada ano em uma cidade diferente.

A cidade que sediou o primeiro Encontro, no ano de 1977, foi Bento Gonçalves. Nos anos seguintes, diversas outras cidades receberam o evento. A proposta era divulgar o movimento pelo estado. Farroupilha sediou a oitava edição. No ano seguinte, em 1985, as atividades ocorreriam em Rio Pardo. Com a desistência das autoridades do município, o evento aconteceu em Farroupilha por dois anos consecutivos, o que propiciou à cidade ser sede final do evento anualmente.

Em 1986, o Encontro passou a ser chamado de Festival Gaúcho de Arte – Fegart, sendo promovido pelo MTG em parceria com a Prefeitura Municipal de Farroupilha e o Instituto Gaúcho de Arte e Tradição. De 1986 a 1996, o encontro ocorreu em Farroupilha. Em 1997, passou a acontecer em Santa Cruz do Sul. Em 1999, mudou sua nomenclatura para Encontro de Artes e Tradições Gaúchas – Enart.

No encontro são apresentadas vinte e quatro modalidades artísticas. Declamação, Danças de Salão e as Danças Tradicionais são algumas delas. Os artistas são distribuídos pelos palcos de acordo com as modalidades em que concorrem. A primeira fase é a regional. Nela, trinta regiões tradicionalistas passam para a segunda etapa, a macrorregional. A etapa final ocorre em Santa Cruz do Sul.

5 COREOGRAFIAS DE ENTRADAS: SEUS CRUZAMENTOS

A nascente da coreografia de Entrada se cruza com a história do Enart. Com o Mobral, iniciou um trabalho de motivação dos alunos por meio da cultura gaúcha. Terson da Costa Praxedes, um dos entrevistados desta pesquisa, presenciou esse início avaliando e, após, dançando em apresentações do Mobral. Ele atualmente faz parte do Setor de Pesquisa do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore. Também participou com Paixão Côrtes, de 1979 a 1984, do trabalho de ensinamento das Danças Tradicionais, baseado na pesquisa deste feita com Barbosa Lessa, auxiliando os dançarinos a interpretarem o “Manual de Danças Gaúchas”.

Praxedes afirmou ser o criador das Danças de Entrada. O objetivo delas era, no início, aquecer os bailarinos, já que eles subiam ao tablado caminhando e, ao se posicionarem para realizarem as Danças Tradicionais, pareciam nervosos. Isso aconteceu no período da transição de nomenclatura do festival de Mobral para Fegart (1985–1986). A mudança foi realizada com o grupo de Osório, Estância da Serra, com o qual fez a primeira Entrada e Saída. Outra inovação foi ter colocado oito pares para dançar, pois, na época, o máximo de pares que dançavam eram cinco ou seis.

Sobre o início da Dança de Entrada, Praxedes, em entrevista concedida no dia 04/06/2013, comenta:

[...] a primeira Entrada eu peguei uma Rancheira de Carreirinha. Transformei ela. Como eu tinha oito pares, botei quatro pares como se fosse o eixo de uma roda de carreta, e quatro pares por fora como se fosse o aro, e as rodas andavam em sentido contrário. Hora andava tudo para o mesmo lado, hora andavam em sentidos contrários. E dançando. Quando terminou a dança, a Rancheira de Carreirinha, eles já estavam posicionados em fila, para a próxima dança, a dança inicial [...].

Encontram-se também no livro “Danças Gauchescas e a Carta de Vacaria” (1991), de Paixão Côrtes, referências à temática entradas e saídas. Acredita-se ser esse um dos poucos registros encontrados antes do ano 2000 sobre essa categoria de dança, quando começaram as modalidades de Entrada no Enart.

No livro, Côrtes (1991, p. 16) explica:

Vale dizer que o item ‘Entrada e Saída’ tem uma ação criadora livre e de menos peso, no contexto da dança propriamente dita, atendendo-se mais ao ‘mis-em-scene’ do espetáculo. Portanto, pode ser opcional. Atente-se também que as ‘entradas-saídas’ não devem fugir ao sentido musical, coreográfico e vocal de temas inspirados em motivos típicos de nosso folclore, da nossa tradicionalidade ou de raiz do gaúcho rio-grandense. Portanto, ausente de manifestações culturais – artísticas alienígenas deste ou daquele país, mesmo sul-americano, se é que se pretenda defender o patrimônio regional da nacionalidade brasileira e não se venha cair em modismos recentes, motivados por comunicação massificada áudio-visuais e dirigidas. Recomendam-se tais peças – ‘entrada-saída’, quando eventualmente apresentada, andem ao redor de três minutos no seu global, distribuídos harmoniosamente.

A referência desse texto pode ser um dos primeiros registros ante a aprovação das Entradas-saídas, que surge no 1º Simpósio Nacional de Danças Gaúchas, em que foram discutidas questões acerca da dança gaúcha, entre eles os acertos e erros de concursos, os quais também constaram do manifesto conhecido como “Carta de Vacaria”. Na carta, o quarto item trata sobre concursos artísticos, reivindicando critérios, padrões para as avaliações de concursos por meio de planilha única e fazendo referência a uma confusão entre Dança Folclórica e Danças de Projeção Folclórica (tradicional).

Hoje, partindo da pesquisa bibliográfica e, em especial, das entrevistas, é possível dizer que as coreografias de Entrada passaram por um processo de mudança. Praxedes e Sartori trazem posicionamentos diferentes quanto à validade de sua presença em eventos tradicionais.

Rodrigo Righes Sartori, diretor do Departamento Artístico e do Subdepartamento de Danças Tradicionais do Movimento Tradicionalista Gaúcho, também entrevistado, aponta que as coreografias de Entradas e Saídas estão presentes há muito tempo no contexto tradicional. Observa que seu processo de crescimento começou a tomar vulto durante o Fegart, em Farroupilha, no período entre 1986 a 1996. Nele, os grupos que possuíam Entradas e Saídas se destacavam. Hoje, elas são vistas como algo especial e sua evolução faz com que seja um espetáculo. É inegável a existência de elementos das Danças Tradicionais Gaúchas e de outras técnicas, como Balé Clássico, Dança Contemporânea e outras mais que venham para acrescentar. Informa também que, a partir do ano 2000, outros elementos aparecem com mais força, como adereços, fantasias e alegorias.

Rodrigo Sartori também aponta a afirmação das coreografias de Entrada no momento em que passaram a ser avaliadas por um corpo de avaliadores específicos. Salienta que, em sua gestão no Departamento Artístico, a proposta é de pesquisa com valorização do contexto. As danças devem ter nexos quanto à questão de expressão e temática, desde a Dança de Entrada, as Danças Tradicionais, dos momentos de entredanças⁵ até a coreografia de Saída. Esse nexo tem relação com as questões de técnica corporal, regionalidade, pesquisa e conhecimento.

As Entradas têm o propósito de complementar a informação que está sendo passada no Enart e em outros eventos interpretados pelos grupos de danças. Nesse processo evolutivo, técnicas, elementos cenográficos e artísticos de outras áreas foram se cruzando, existindo uma dependência das coreografias de Entrada das Danças Tradicionais, devido à sua função. Terson da Costa Praxedes afirma que o momento das Danças de Entrada “permite extravasar”, pois possibilita a criação.

A literatura e a pesquisa são importantes diante dessa afirmação, possibilitando a contextualização da dança com o suporte da pesquisa, justificando as bases coreográficas. As coreografias, os elementos cenográficos, figurinos e adereços, tudo é justificado por pesquisa histórica para manter o comprometimento do grupo com as tradições sul-rio-grandenses.

Algumas vezes são feitas releituras de obras de escritores gaúchos, como Erico Verissimo, Simões Lopes Neto, de lendas gaúchas ou da saga de lutas entre povos que tentaram dominar esse território, na forma de coreografias. As apresentações geralmente têm a base historiográfica do Rio Grande do Sul. Nas técnicas do corpo percebem-se a amplitude e a abertura com ênfase em técnicas que permitam movimentações extras, ou seja, incomuns na postura de Dança Gaúcha.

Os Regulamentos do Enart são propostos em convenções do MTG, o qual os aprova ou não. Esses documentos definem regras de eventos, como os critérios de avaliação das Danças de Entrada: criatividade e coerência com o tema escolhido, por exemplo. Sartori salienta que os grupos, ao concorrerem, também se moldam a esse tipo de situação.

Por isso, torna-se relevante discorrer sobre avaliação. Existem pessoas que trabalham o ano inteiro sobre a questão da avaliação, a equipe de avaliadores do MTG. São feitas reuniões para definir o que querem extrair de cada critério avaliado, tendo o cuidado para não se deixarem influenciar pela pressão da torcida e pelos efeitos pirotécnicos. Adereços e alegorias não têm peso; no todo, podem somar.

Sartori, em entrevista concedida no dia 17/06/2013, afirma:

[...] Mas a gente tem procurado se policiar muito e tem difundido e debatido muito internamente essa questão de valorizar a dança. Tanto é verdade que, em algumas apresentações, aquele grupo que trabalhou bem a coreografia, que é um dos itens, [...], técnica de dança na evolução, ocupou bem

5 Entredanças são os intervalos que acontecem entre o final de uma dança e o início de outra. Podem ser usados para complementar informação do contexto apresentado na Entrada, além de representar os intervalos musicais em um baile.

o salão, proporcionalidade [...]. A gente trabalha muito num tripé que é na questão harmônica, que é beleza, proporção e ordem, ou seja, tem que ser belo, tem que ser proporcional na sala e ele tem que ter uma certa ordem de apresentação. Não é cada um fazendo de uma forma, ou podem ser diferentes, mas que se encaixem no todo.

5.1 Análise de vídeos

Para compreender melhor as Danças de Entrada no contexto da Dança Tradicionalista Gaúcha, foram analisados 15 vídeos de grupos que se apresentaram no Enart entre os anos de 2008 a 2012. Foram consideradas as Danças de Entrada dos três primeiros colocados na categoria Melhor Entrada, observando-se três aspectos na análise: temática, elementos cenográficos e técnicas corporais.

5.2 Temática coreográfica

A temática coreográfica é o primeiro item analisado. Sobre ela se constituem as coreografias. Iniciando por 2012, apontamos em primeiro lugar o CTG Guapos do Itapuú, com a apresentação "Faeneiros – contrabandistas de couro". O CTG Rancho da Saudade trabalhou sua coreografia sobre a lenda do Negrinho do Pastoreio. Em terceiro lugar na modalidade Danças de Entrada, o Centro Pesquisas Folclóricas Piá do Sul (também premiado como grupo mais popular) fez uma homenagem à base aérea da cidade de Santa Maria. Em 2011, classificado em primeiro lugar, o CTG Guapos do Itapuú fez um resgate do tempo em que o Rio Grande do Sul tinha seus campos dominados de cavalos. Ocupando o segundo lugar em Entradas, o CTG Os Farrapos destacou alguns fatos e personagens marcantes da epopeia Farrapa. O terceiro lugar, União Gaúcha João Simões Lopes Neto, retratou em sua coreografia a visita de D. Pedro II a Pelotas para auferir títulos de nobreza durante a época de elite dos charqueadores.

Em 2010, o vencedor na modalidade Danças de Entrada, o CTG Rancho da Saudade (premiado também como grupo mais popular), representou uma batalha entre gaúchos e imperialistas. No segundo lugar, a União Gaúcha Simões Lopes Neto retratou as influências da etnia negra no Rio Grande do Sul. Em terceiro lugar, ficou a apresentação "Universo de Cores", do CTG Aldeia dos Anjos.

No ano de 2009, o primeiro lugar em Danças de Entrada foi do CTG Porteira Velha, com a coreografia "Na estrada desses festivais". O segundo lugar, na mesma categoria, foi conquistado pelo CTG Aldeia dos Anjos, que representou a coreografia "Universo das cores". O terceiro lugar coube ao CTG Estância Gaúcha, apresentando coreografia sobre o contrabando de bois.

No ano 2008 o primeiro lugar em Danças de Entrada foi conquistado pelo CTG Rancho da Saudade, com a coreografia "Os centauros da vacaria". Em segundo lugar, na mesma categoria, ficou o Grupo de Artes Nativas Ive Maraí, com a representação de povos que contribuíram na formação do povo gaúcho. O terceiro lugar em Danças de Entrada foi obtido pelo CTG Porteira Velha, de Novo Hamburgo, com coreografia que lembrou a chegada do primeiro automóvel ao estado.

Resgatando todos esses registros sobre temática, ao analisarmos os vídeos, percebemos a grande variável de temas abordados, etnias, lendas, e o que arriscamos a chamar de temas locais, como a chegada do automóvel, a base aérea. Importante destacar que, em todos os anos, aparecem coreografias premiadas com temas que se assemelham, reconstituem coreograficamente batalhas, o período em que surgiu o gaúcho, o contrabando de gado e a forma de vida de homens que participaram da formação do Rio Grande do Sul.

Em 2009 é possível destacar a temática da coreografia Universo das Cores, trazendo diferencial ao retratar na letra da música as inspirações que tiveram a partir de apresentações com o

grupo de danças, evidenciando que o contexto para a criação coreográfica na época não se limitava apenas à regionalidade e à história do RS.

A temática apresenta a oportunidade de destacar e tornar visíveis fatos e fatores históricos que, sozinha, a Dança Tradicional não alcança. A contextualização temática traz uma consistência especial para a modalidade. Na proposta da temática também percebemos a presença das etnias formadoras do Rio Grande do Sul, sendo apresentados personagens históricos e de lendas.

5.3 Elementos cênicos

Nesse quesito, é perceptível a inserção gradativa desse recurso, partindo de 2008 até 2012. Nos anos 2008-2009, esse recurso ainda não era tão explorado. Quando usado, era minimalista: apenas um elemento como um carro ou elementos relativamente pequenos, como os cavaletes no Centauro das vacarias. No ano de 2009, a coreografia “Na estrada desses festivais”, premiada como Melhor Entrada, trouxe muitos elementos, em dimensões variadas, sendo colocados e deslocados ou usados como suporte para bailarinos. Nos anos 2011-2012, houve a predominância de uso de elementos cenográficos, frisando que seu uso não interfere diretamente na sua pontuação.

São usados em diferentes tamanhos e números para auxiliar na contextualização coreográfica da história de forma mais encenada, trazendo carroças gigantes, imagens de cavalos, sombrinhas, aviões se deslocando em espia de aço e andaimes fora do tablado para viabilizar o uso desse recurso. Realizando um comparativo quanto aos elementos cênicos usados em Danças Tradicionais, podemos dizer que a Dança Pau-de-fita e Tirana do Lenço seriam entre as poucas danças que usam elementos cenográficos dentre as vinte e cinco constantes no Manual. Os elementos cênicos são um recurso a mais que pode auxiliar a contar a história, entendido como um recurso atual no sistema da dança, algo diferente da cultura da Dança Gaúcha Tradicional.

5.4 Técnicas corporais

As técnicas corporais também passaram por um processo evolutivo, sendo perceptível a influência de técnicas de Dança Moderna e Contemporânea, como se observa, por exemplo, nos trabalhos de velocidade, que se destacam com pausas e movimentos de desaceleração. A influência de outras etnias leva ao tablado o gestual e os movimentos característicos das danças dos povos que fazem parte da formação do gaúcho. É possível exemplificar com a representação dos negros na coreografia apresentada pelo segundo lugar em 2010, com movimentos que remetem aos orixás e ao toque de atabaques.

Em 2008, o Grupo de Artes Nativas Ivi Maraé, com a coreografia “Etnias – formando nossa Terra”, trouxe a representação dos poloneses e os movimentos da mazurca, de árabes com movimentos de ondulação de mãos e braços e de africanos com movimentos de capoeira. Cada etnia é encenada por um bailarino caracterizado por figurino típico, buscando destacar a sua representatividade na formação do Rio Grande do Sul. Nessa mesma coreografia, um dos bailarinos trouxe a perceptível influência do Balé Clássico na movimentação, na sua postura, com braços alongados e giros.

A influência de técnicas de Dança Moderna e Contemporânea está diretamente relacionada à forma de criar misturando técnicas, não nos referenciando às colagens de movimentos ao representar as técnicas corporais das etnias, em que a dança típica de um povo tem uma parte pinçada e colocada em outra coreografia, mas na fusão de técnicas corporais que se absorvem, com trabalho de expressão.

Na encenação, a postura contempla a representação de um aristocrata, um soldado, o contrabandista de gado e o que se acredita que seja sua expressão facial e corporal. Alguns grupos,

em diferentes coreografias de Entrada, fazem o aproveitamento de movimentos de ordem unida (militares) em coreografia com movimentos lineares. A disposição do grupo Centro de Pesquisas Folclóricas Piá do Sul segue desenhos em linhas retas, realizados com olhar focado à frente, em 2012. Foi explorada da mesma forma a movimentação dos braços, o que faz uma quebra no trabalho de técnica corporal, se comparado aos grupos analisados anteriormente, que raramente usaram o recurso de movimentos lineares. Apresentaram postura militar: posição de sentido, movimentos de continência aos superiores, marcha, formações em colunas e fileiras. O trabalho de variação de velocidade trouxe na forma desacelerada algo incomum do contexto tradicional. Houve restrito contato corporal entre bailarinos. O ganhador de 2010 na categoria apresentou algumas semelhanças com o terceiro lugar de 2012, trabalhando com formações de grupo com desenhos em linhas retas – apenas homens atuaram no tablado. Trouxeram em especial a representação da batalha entre o Império e os Farroupilhas. Diferenciaram-se pelo uso de movimentos em nível baixo, saltos e movimentos de esgrima.

Em 2011, temos sobre o palco como diferencial a postura estática. Ao se deslocarem pelo palco, os bailarinos ocupam-no de forma equilibrada, distribuindo-se proporcionalmente no espaço. O grupo apresentou uma característica coreográfica que podemos destacar em muitos grupos: separação de homens e mulheres, que em alguns momentos se juntam. Trabalharam muitos giros, movimentos de braços, em que o deslocamento se faz mais presente do que o sapateio. Outro grupo subiu ao tablado com uma caminhada ritmada e ao meio da coreografia manteve-se estático. Esse recurso é muito usado no início das coreografias, mas não é característica de danças regionais. O terceiro lugar de 2011 trouxe na postura corporal refinamento de movimentos e um giro com figura da valsa, em que a prenda, suspensa pelo peão, ficou com os dois pés no ar. As mulheres apresentaram postura ereta, elegante e movimentos delicados.

No ano 2008, o grupo premiado em primeiro lugar fez o resgate dos homens que vivem na lida campeira cuidando do gado, lutando contra contrabandistas e defendendo o território, período de base na formação do estado. Na movimentação empregaram sapateios e saltos, representando luta, movimentos exclusivos masculinos. Houve variação de velocidade, trabalhando o movimento lento por todo grupo. Giros rápidos em nível alto e movimentos de braços lentos e rápido, em geral circulares, caracterizaram a evolução de prendas. As mulheres representaram em sua postura serem destemidas e altivas.

Ainda em 2008, foram abordadas as etnias polonesa, africana e árabe, que participaram da formação do povo gaúcho, sendo apresentadas na letra da música e no ritmo e um pouco das técnicas corporais desses povos. Podemos perceber com essa coreografia, inclusive, o regionalismo dentro do Rio Grande do Sul e a busca por resgatar o que existiu no momento em que se formou o que se tem hoje em termos de dança e cultura. No mesmo ano, temos referência à movimentação que contempla o quicar, uma pequena e ritmada flexão de joelhos repetida várias vezes sem deslocamento, o que não é característica das Danças Gaúchas, e muitos giros e momentos bailados por casais.

Contemplado por várias coreografias, outro fator a destacar se refere às formações coreográficas. São apresentadas comumente figuras de casais, divisão de grupos por gênero, ocorrendo muitas vezes o seguinte processo de formação da figura que dá destaque ao sapateio: grupo de mulheres que dançam ao meio e abrem espaço indo para as laterais para que os homens se desloquem do fundo à frente do palco para sapatear.

Observa-se que a música ao vivo é um elemento de suma importância que se diferencia de outros espetáculos de dança ou *shows*. Essa característica remete especificamente aos eventos folclóricos, como no Maracatu, o Frevo, o Samba em desfile carnavalesco, que, ao vivo, têm seu

encanto. O musical ao vivo direciona para a ópera⁶ ou aos musicais, que têm em sua letra e melodia a base para contar uma história coreografada. As apresentações são, geralmente, feitas em teatros de óperas, acompanhadas por uma orquestra ou grupo musical menor e cantadas em italiano ou latim. Também acompanham o gênero coro de cantores, atores, bailarinos e figurantes.

No contexto do Enart, o acompanhamento musical ao vivo é uma característica normativa, mas a interpretação da música é dada pelo grupo de bailarinos no tablado. Nela, é visível o acompanhamento dos bailarinos no desenvolvimento da letra da música. Em determinados casos, o cantor-intérprete está entre bailarinos ou é um deles. Uma característica da atualidade, comum entre os grupos, são as músicas e as letras compostas especificamente para os grupos de dança, com base na história representada coreograficamente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho abordou questões sobre as coreografias de Entrada presentes em eventos tradicionais, como rodeios artísticos, crioulos e festivais como o Enart. Se, no início, seu propósito era o aquecimento dos dançarinos, aos poucos elas tomaram vulto maior e, desde o Enart de 2000, passaram a vigorar como categoria, registrando sua importância.

Acredita-se ser cultura imaterial a sua tomada de espaço em eventos tradicionais, devendo ser observada com outros olhos, não apenas como mais uma coreografia. Apresenta-se como importante por oportunizar a criação, trazendo uma dinâmica e reformulando o comportamento dos grupos envolvidos. É, de certa forma, a carta surpresa no início da competição, em que, a cada ano, grupos concorrentes buscam se superar. Nesse processo, é possível criar sobre a cultura gaúcha, interpretando-a, fazendo uso das áreas das artes, interligando música gaúcha, dança, teatro e artes visuais sob contextos regionais.

Constatou-se que os primeiros colocados no Enart na categoria Entrada têm entre suas principais características atualmente a interligação do contexto das danças apresentadas com inovações pinçadas de outras formas de manifestações culturais e artísticas, como musicais, óperas e inspiração em outros grupos folclóricos. Esses aspectos se fazem importantes, contribuindo para a evolução coreográfica e para que as manifestações culturais estejam sempre em movimento. Analisando vídeos do Enart, verificamos os caminhos percorridos pelas danças sul-rio-grandenses nos últimos cinco anos. Pesquisou-se sobre as bases de sua criação, evolução e características. Focou-se parcela da arte gaúcha que se projeta com pessoas comprometidas com sua história e sua arte e engloba características da atualidade, em que os grupos gaúchos buscam enriquecer seus conhecimentos.

Trazem-se os conceitos de técnicas corporais e cultura para embasar as relações da dança como forma de manifestação social, representando aspectos característicos da sociedade, sendo possível identificar características do povo sul-rio-grandense. Nesse sistema com abertura para criação, oportunizou-se a ligação com técnicas corporais de outros grupos sociais, trazidas por coreógrafos ou por seus bailarinos, como forma de enriquecer seus trabalhos. Essas características e evoluções são a soma de ideias que se processam em relação à dança, a qual se concretiza pelo movimento. Importante lembrar, pois, que sofremos influências dos meios com os quais atuamos. As normas de competição também são uma influência exercida pelo meio, em que se observa a base da pesquisa e seu contexto interligando postura, expressão em que a mensagem deve ser compreensível para todos.

6 Ópera é um gênero teatral em que a ação cênica é harmonicamente acompanhada de instrumentos musicais e cantada.

Importante destacar que, juntamente com o festival Enart, as coreografias de Entrada evoluem como danças que se relacionam com as tradições gaúchas e também contribuem na evolução do próprio festival. Pensando em um paralelo sobre coreografias de Entrada e as Danças Tradicionais, pode-se apontar que ambas têm caráter competitivo e passaram por processos evolutivos ao longo dos tempos. Juntas elas se complementam. As Danças de Entrada, em relação às Tradicionais, têm a função de abrir um horizonte, nos fazendo pesquisar e conhecer a história do povo gaúcho, dando consistência e valores a esses temas por meio da dança. Atualmente, sua presença tem um eixo de sustentação, as pesquisas históricas dos grupos sobre a cultura gaúcha, o que antes era mais aberto e, conforme órgãos normativos, foi se alterando para focar na cultura regional e do RS.

Embora a presença das Danças de Entrada não seja uma unanimidade, elas hoje têm seu espaço constituído, dando visibilidade, socializando e trazendo à tona fatores históricos, levando ao palco épocas, classes sociais, lendas ou figuras da história gaúcha que só a Dança Tradicionalista não dá conta e não trazia, oportunizando, assim, o conhecimento por meio da dança.

REFERÊNCIAS

AKIRINUS. ENART 2009 - CTG Aldeia dos Anjos – Entrada. ENART 2009. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=vHRiaYGXLYM>>. Acesso: 21 de jan. 2013.

CAMILLO, Jeferson; PEREIRA, Toni Sidi. **Danças Folclóricas e Tradicionais Gaúchas** - Uma proposta pedagógica. [s.l.] Martins Livreiro, 2013.

CURSO DE FORMAÇÃO TRADICIONALISTA – CFOR. Curso de Formação. Publicação do Movimento Tradicionalista Gaúcho - RS. Porto Alegre, 2012.

CÔRTEZ, J. C. Paixão. **Danças gauchescas e a carta de Vacaria**. Canoas: Gráfica Linck, 1991.

_____. **Danças Tradicionais Rio-Grandenses**. Passo Fundo: Achegas - Gráfica Editora Padre Berthier, 1994.

DIESEL, Ary. CTG UNIÃO GAUCHA JSLN ENART 2011 ADULTA ENTRADA. ENART, 211. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=qaCYqQiVmM8>> Acesso em: 26 jan. 2013.

DLINK150393. Entrada Rancho da Saudade Enart 2008. ENART, 2008. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=dAqmTVTJQmk>>. Acesso em: 21 jan. 2013.

ENARTTV. CTG Porteira Velha - ENART 2009 - Entrada - Na Estrada Desses Festivais. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=kX4gl0FOeQ4>>. ENART, 2009. Acesso: 21 jan. 2013.

FUNDAÇÃO INSTITUTO GAÚCHO DE TRADIÇÃO E FOLCLORE - FIGTF. **Releituras da História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: CORAG, 2011.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora S.A, 1989.

GHIGGI, Bruno Rigo. Piá do Sul - 3ª Melhor Entrada ENART 2012 (Domingo). Analtapui. Guapos do Itapuí - Entrada ENART 2011. ENART, 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=8XQcf-Padb4>>. Acesso em: 26 jan. 2013.

_____. Guapos do Itapuí - Entrada Enart 2012 (Domingo). ENART, 2012. Disponível em: <http://youtu.be/tlIRUn_L_Us>. Acesso em: 11 jun. 2013.

LEITE. Maikel Jandrei Leite Jandrei. GAN Ivi Marae - São Leopoldo - Enart 2008. ENART, 2008. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=f1urA0l0IUY>>. Acesso em: 21 jan. 2013.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **Rio Grande Sul, prazer em conhecê-lo** - Ensaio historiográfico. 2. ed. Porto Alegre: Artes, 2009.

MACHADO FILHO, Luiz Laerte. Guapos do Itapuí - Coreografia de Entrada 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=z1rvFV0J-Z4>>. Acesso em: 26 jan 2013.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO - MTG. Eco da Tradição – Informativo Oficial do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Ano X – n. 127, mar. 2012.

_____. Movimento Tradicionalista Gaúcho. **Regulamento do Encontro de Artes e Tradição Gaúcha - ENART**. Aprovado na 76ª Convenção Tradicionalista Gaúcha – Taquara –RS, 2011.

_____. Danças Tradicionais Gaúchas. Publicação do Movimento Tradicionalista Gaúcho. 3. ed. Porto Alegre: Fundação Cultural Gaúcha - MTG, 2010.

_____. Departamento de Formação Tradicionalista e Aperfeiçoamento. Curso de Formação Tradicionalista. Porto Alegre: Movimento Tradicionalista Gaúcho, 2012.

POLO, Fabrício. Enart 2010 - Aldeia dos Anjos –Entrada. ENART, 2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ZPaiwIL0RTQ&feature=youtu.be>>. Acesso em: 21 jan. 2013.

SANTOS, José Luiz. **O que é cultura**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SAVARIS, Manoelito Carlos. **Manual de Tradicionalismo Gaúcho**. Porto Alegre: MTG, 2012.

SOUTO, Karine. CTG Os farrapos ENART 2011. ENART, 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ISkTs3kVuag>>. Acesso em: 26 jan. 2013.

TADIELLO, Gustavo. Segunda Melhor Entrada do ENART 2012 - CTG Rancho Da Saudade. ENART, 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=HwRltgU5wlQ>>. Acesso em: 07 set. 2013.

TVFEEVALE. TV Feevale - Feevatchê - Entrada Porteira Velha Enart 2008. ENART, 2008. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=xNGv7b1N7nA>>. Acesso em: 21 jan. 2013.